

## A (RE)CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA NA COMPLEXIDADE DAS RELAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DYULIA AMANDA DE SOUZA PINHEIRO<sup>1</sup>; MAIANE HATSCHBACH OURIQUE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - pinheirodyulias@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - maianeho@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está ligada ao Projeto de Pesquisa "Infância e docência na Educação Infantil: espelhamentos e alteridade", desenvolvida no âmbito do Grupo Laboratório de Formação e Estudos da Infância (Labforma, UFPEL/CNPq). Tem como foco a compreensão da complexidade dos mecanismos de crenças e tabus acerca da profissão docente que ainda se refletem nas interações entre adultos e crianças nos espaços de Educação Infantil. Para isso, foi desenvolvido um questionário para os professores da Educação Infantil com a intenção de identificar quais tabus são reproduzidos por esses profissionais dentro de seus respectivos contextos. O presente estudo tem como objetivo identificar o lugar que o docente ocupa neste ambiente esteticamente complexo, percebendo em que medida sua compreensão sobre a profissão sustenta suas ações no mundo e na relação pedagógica. Temos como hipótese de pesquisa que a investigação sobre as bases das concepções socialmente enraizadas leva a uma revisão da autoimagem docente, assim como a uma transformação da percepção sobre o mundo e, talvez, do lugar que ocupa na relação pedagógica.

A análise dos dados considera a concepção da Pedagogia Participativa de Hoyuelos (2020), que entende a complexidade estética do ambiente escolar como um fator de formação humana e docente, envolvendo crianças, funcionários, pais e professores em uma interação simétrica de trocas geracionais. Para Hoyuelos (2019, p. 31), "A complexidade está relacionada ao ato de reconhecer que, quando trabalhamos com crianças, devemos admitir a beleza da incerteza". Neste sistema de incertezas em que nos colocamos, não mais, como o adulto que simplifica processos com o reforço das nossas crenças, mas sim, como o adulto que reconhece as vontades e saberes dos que acabaram de chegar a esse mundo. Esses recém chegados possuem o poder de nos colocar face a face com os tabus - limitantes - que ainda alimentamos. Como toda profissão, a docência é feita por pessoas que carregam consigo seus ancestrais e suas certezas, se diferenciando das demais profissões pelo fato de recair sobre suas costas a responsabilidade de "educar" as crianças pelos protocolos da sociedade, para que elas, em seu futuro, reconheçam os seus lugares e mantenham-se nas engrenagens do capitalismo fazendo a máquina funcionar. O docente carrega consigo o estigma da profissão que nasceu para educar, modificar e transformar, em que medida essa transformação observa e acolhe a complexidade do novo que as crianças espelham na relação pedagógica?

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida de forma qualitativa, utilizando como instrumento o formulário elaborado no Google Forms, desenvolvido pelo LabForma a fim de alcançar os docentes da Educação Infantil na Zona Sul do Rio Grande do Sul. Em uma das questões, os respondentes foram solicitados para que marcassem sua posição no formulário sobre algumas afirmações, tendo como alternativas as seguintes opções: Concordo, concordo parcialmente e não concordo. Uma das afirmações apresentadas foi “Eu me tornei professor para mudar a vida dos meus alunos”, a qual foi obtida a resposta aterradora de que apenas três participantes entre cento e dezoito não concordavam.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise prévia do questionário elaborado pelo LabForma foi observado que uma pedagogia adultocêntrica afeta não somente as crianças, como também o docente, que assume o papel principal de reprodutor das crenças pessoais e coletivas, sendo, ao mesmo tempo, limitado por elas e trabalhando para fortalecê-la. Em um ambiente esteticamente complexo, o docente precisa assumir o lugar de questionador e observador, para Hoyuelos (2019, p. 33):

Não podemos educar sem nos indagarmos, pois, com isso, iniciamos um processo de compreensão, ou seja, um processo em que formulamos algumas perguntas prévias que só uma série de estratégias para compreender o fenômeno que buscamos explicar.

Considerando o contexto social que, muitas vezes, nos leva a crer que sim, o professor é o responsável pela transformação na vida de seus alunos, deve-se observar mais a fundo os valores sócio-históricos que sustentam este entendimento socializado. Arendt (1957, p. 25-26) questiona a vertente idealizadora da educação:

O papel desempenhado pela educação em todas as utopias políticas, desde a Antiguidade até aos nossos dias, mostra bem como pode parecer natural querer começar um mundo novo com aqueles que são novos por nascimento e por natureza. No que diz respeito à política há aqui, obviamente uma grave incompreensão: em vez de um indivíduo se juntar aos seus semelhantes assumindo o esforço de os persuadir e correndo o risco de falhar, opta por uma intervenção ditatorial, baseada na superioridade do adulto [...].

Essa superioridade do adulto pressupõe, em uma concepção tradicional, que a criança é dependente dele para pensar, observar e se transformar. A criança observa por seus próprios olhos, mas constantemente, nós, adultos, fazemos a interpretação com nossos olhos cheios de crenças, prontos para ensinar aos recém chegados como o mundo funciona, qual o lugar de cada um e o que é certo e errado. A construção de um ambiente esteticamente complexo pelo docente depende de sua disponibilidade para investigar e questionar o mundo. Muitas vezes, é essa disposição que nos é tirada durante a escolarização e institucionalização de nossos corpos.

O relacionamento de escuta e troca com as crianças pode ter dois caminhos, a reprodução das práticas pedagogizantes entre aluno e professor - na direção do que pontuamos acima - ou o enfrentamento e questionamento sobre a relação adulto/criança, reconhecendo a complexidade da formação humana. Para Hoyuelos (2019, p. 69), “a complexidade admira o desconhecido, a incerteza e a confusão. A meta não está definida de antemão. Assim, luta contra o absolutismo e o dogmatismo do saber”. Ao se colocar como o observador, admirador dessa incerteza que envolve as práticas pedagógicas, será possível construir um ambiente esteticamente complexo, admitindo que o lugar do professor não é do centro do conhecimento, como sugerem as pedagogias tradicionais, mas sim o lugar de questionador, investigador e pesquisador.

#### 4. CONCLUSÕES

A (re)construção da docência atual, verdadeiramente transformadora, depende da (re)ativação desse movimento de estranhamento sobre nosso lugar no mundo e nossa potência em alterá-lo. Observando os dados do questionário é inevitável não indagar sobre quando, por que e como o espírito questionador e buscador destes participantes desapareceu, como se fosse de comum acordo elevar as crenças sociais como norteadores para a prática docente. Com muito respeito e entendendo que estes profissionais têm a intenção genuína de transformar a comunidade escolar, problematizamos exatamente essa “intenção genuína” como forma de reacender aquele instinto que foi calado pelo senso comum e que reforça o estigma de “professor salvador”, carregando o peso da responsabilidade sobre o destino da humanidade. A partir de tais questionamentos, talvez, seja possível reconhecer outros lugares para o docente ocupar em um ambiente complexo, de partilha e co-construção entre todos que nele habitam.

A docência carrega muitos estigmas enraizados na tradição das pedagogias sem autoria, socializadas por justificativas que já não têm sentido. Uma pedagogia transformadora exige alimentar a atitude questionadora das crianças. Este espelhamento na figura docente permite o reconhecimento de que o professor transformador, na verdade, não transforma ninguém, apenas a si mesmo. É um trabalho feito de dentro pra fora, que não cabe a apenas um só.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOYUELOS, A. **Complexidade e relações na Educação Infantil**. tradução Bruna Heringer de Souza Villar; 1. ed. São Paulo: Phorte, 2019.

HOYUELOS, A. **A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. tradução Bruna Heringer de Souza Villar; 1. ed. São Paulo: Phorte, 2020.

ARENDR, Hannah. A crise na educação. In: **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.